



Índice

- 3 - Editorial (Valter Teixeira)
- 4 - Um belo gesto (Lyrio Bertoli)
- 5 - Uma cidade de muitas vocações (Harry Daijô)
- 6 - Foz do Iguaçu Redescoberta (José Alexandre Saraiva)
- 7 - Literatura (Ildo Carbonera)
- 8 - Feliz Aniversário, Bah! (Gerson Luís Maciel)
- 9 - Estamos Cansados (Origenes Capellani)
- 10 - Nos Caminhos do Paraná (Emília Belinati)
- 12 - "A Iscola" de Carla Perez (Paulo Freire da Rocha Filho)
- 14 - Falta Utopia - Falta Cidadão (José Elias Aiex Neto)
- 15 - Uma Viagem ao ano 2000 (Chico de Alencar)
- 16 - Fronteira! Brasil! (Ten. Cel. Galetti)
- 17 - Filha de Foz (Isabel C. M. Salvatti Rafagnin)
- 18 - Espelho (José Augusto Mattos)
- 19 - Adunação Utópica (Khalid W. Omairi)
- 19 - Terere (Carmen Casartelli)
- 20 - Despertar (Valter Teixeira)
- 20 - Menino de Rua (Suellen Rafagnin Andreola)
- 21 - Fatos Marcantes
- 22 - Louvor ao Pantanal Matogrossense (Rodrigo Zanchet)
- 23 - Você (José Paulo da Cruz)

Instrução Redatoriais

- 1 - A revista da ACULFI é publicada sob a orientação do conselho editorial, sendo de inteira responsabilidade dos autores os conceitos e idéias emitidos.
- 2 - A publicação tem por finalidade a divulgação de ensaios científicos, criação e crítica artística.
- 3 - Os trabalhos apresentados deverão ser encaminhados à presidência do conselho editorial, que os enviará ao comitê de revisão. A referida comissão poderá aceitar, recusar ou sugerir modificações no texto.
- 4 - Os trabalhos deverão ser encaminhados ao editor, digitados em software, Microsoft CorelDraw for Windows, versão 8.0/ Win 95, em duplo espaço, conforme as normas da ABNT. Uma cópia impressa deverá acompanhar em anexo o trabalho gravado em disquete.
- 5 - Os textos necessariamente não devem ultrapassar 05 (cinco) páginas.

Expediente

Presidente

Lyrio Bertoli

Secretário Geral

A.H.G. Cunha

Diretor Cultural

Rosani Schneider

Diretor de Com. Social

Elvio Seibert

Tesoureiro e Dir. de Patrim.

José Elias Aiex Neto

Representante da Argentina

Clara Cruz

Representante do Paraguai

Victor Manuel Brites

Conselho Fiscal

*Venturino Savaris
Nanci Rafagnin Andreola
Nathalie Granzotto
Ivette Souza Secundino
José Alexandre Saraiva
Terezinha C. de Oliveira*

Conselho Editorial

Comitê de Revisão

*Valter Teixeira
Ildo Carbonera
A.H.G. Cunha
Terezinha C. de Oliveira
Rosani Schneider
Raimundo de Araujo Neto
José Alexandre Saraiva*

Correspondência: ACULFI

**Rua: Benjamin Constant, 62
Fone: (045) 523-6263 Ramal: 19
Sala 21-2º andar CEP 85851-380
Foz do Iguaçu - Paraná**

**Diagramação e Impressão
Gráfica Bella Arte
Fone: 573-6918**

EDITORIAL

O que é mais importante, ter um propósito ou concluí-lo? O que deve ser priorizado, estar em curso, na labuta, na parte ou finalizar a busca, a conquista e fim?

Pousar na lua, fato histórico impressionante, apenas culminou em êxito longos períodos de pesquisa em curso, labuta e parte. Viagem fantástica rumo aos mistérios da ciência, cercados de enigmas tão encantadores quanto os que se escondem no solo daquele satélite terrestre.

O homem submerge na escuridão dos mares, atinge um propósito, embora inicial, mas o que seria desse viajante não fosse o trabalho prévio que criou o batiscafo, o submarino, o robô comandado da superfície?

As poesias e poemas, sensíveis, sutis e trágicos, intensos, afetuosos e apaixonados, belos e inesquecíveis, eternos e atemporais, produtos d'alma, possível imaginá-los sem a alegria e dor dos poetas?

Viável imaginar sonoridade e timbres, melodias, partituras, notas e acordes, sem antes nascer uma inspiração?

O que assume importância maior, a partitura pronta, plena, harmônica ou a vibração intimista ou cósmica do autor?

O que é mais belo, a concepção ou o nascimento?

Concluir nada mais é do que fim de parte, fase apenas, não mais que porção.

Só levanta quem cai e caminha apenas aquele que aprende a reerguer-se.

O que exige mais fibra, garra e força? Deambular ou enfrentar os insucessos de locomoção bípede inicial? O que seria do trigo não fosse o singelo plantio da semente?

O que mais vale, o pão tenro e quente ou a farinha que o forma? A farinha ou a semente que a compõe? A semente ou o solo? O solo ou o agricultor que a lança?

O que vale mais? O gari ou o cientista? O vôo ou o avião? A saída ou a chegada? A fome ou a saciedade?

A ACADEMIA DE CULTURA DE FOZ DO IGUAÇU nasceu, surgiu, germinou. Tornou-se um fim ou um meio? Uma intenção ou um feito? Como imaginar o nascer e morte sem o mistério da comunhão do uno com o todo, do ser com a existência, da cegueira com a luz? Como supor alegria sem dor? Possível conceber síntese sem antítese? A resposta não estaria na comunhão do Universo e seres, na imprescindibilidade de cada um, na individualidade e propriedades ímpares de cada qual?

Com certeza a ACULFI jamais pretenderá ser um fim! A nossa Academia bem sabe que, concebida de uma abnegação, constituída de um ideal, poderá dar continuidade ao mistério da vida gerando outros que, por sua vez, haverão de constituir-se no seu leito, no seu lago, no seu leite.

Meditemos então. A ACADEMIA DE CULTURA DE FOZ DO IGUAÇU pretende estar em curso, labuta e parte ou concluir a busca, conquista e fim?

A beleza da existência está no renascer, no recriar, no ressurgir. O maravilhoso da vida é respirar, pensar, vibrar e sonhar, embora sabendo que o "sopro" da mesma não nos pertence. Mas não basta estar vivo e vibrar, é necessário marcar a passagem e auxiliar no bem comum. Alguns, no entanto, vão além, geram idéias, inovam e modificam o meio social.

Devemos lembrar que em sociedade o homem tem três possibilidades:

TOMAR BANHO NAS ÁGUAS DO RIO, FICAR À MARGEM E VÊ-LO PASSAR OU SER O PRÓPRIO E CAUDALOSO MANANCIAL, PRODUTIVO E ÚTIL!

RACIOCINEMOS: O QUE SERIA DO PÃO SE NÃO HOUVESSE A SEMENTE?

A ACULFI SABIAMENTE OPTOU: DESEJA SER MÃO QUE LANÇA SEMENTES, GRÃOS SADIOS, RAZÃO DE SAFRA FARTA E GENEROSA!

OPTOU POR SER SEMENTE DA QUALIDADE TÚLIO VARGAS!

*VALTER TEIXEIRA
Presidente do Conselho
Editorial da ACULFI*

UM BELO GESTO, UM GRANDE EXEMPLO

Nem tudo é escuridão... Ao te fixares no horizonte, se quiseres, verás, mesmo de olhos vendados, que uma chama de esperança, lá distante, continua alimentando os sonhos de tua vida...

Há alguns anos, num destes dias iguais aos outros, utilizando-se de muletas, e locomovendo-se com dificuldades, procurou emprego no Hospital Internacional de nossa cidade uma linda mocinha chamada Maria José. E conseguiu, porque, além de outras considerações, demonstrou invulgar habilidade no apanhar uma veia e colher sangue, fosse num velho ou numa criancinha.

Ocorre que Maria José nasceu com defeito nos pés, seus pés estavam, quase completamente, voltados para trás. No verão, principalmente, doía muito e a botina especial esquentava demais. Quase não podia andar, mas tinha que apanhar ônibus etc. Não havia quem olhasse Maria José sem dó, nem lástima. E ela, rica em espírito, ia vencendo diariamente as dificuldades para o cumprimento de seus deveres.

A Cida, uma ex-funcionária e sempre amiga do

Internacional, humanitária e disposta, encabeçou a lista dos que resolveram ajudar a moça. Entrou em contato com a Direção Geral, falou com ortopedistas e outros médicos, com os colegas funcionários, e no final formou-se uma corrente em que todos se achavam empenhados na busca de uma solução que sabiam difícilíssima, não impossível.

Maria José foi deslocada para Curitiba e, durante meses e meses, sofreu diversas cirurgias, conseguindo, afinal, corrigir e reverter a posição de seus pés. Atualmente quase normal, pode-se vê-la, sorridente, desempenhando funções no Hospital Internacional (hoje, na CLINILAB).

Maria José é um caso típico de um belo gesto e um grande exemplo. Ela pode, agora, sem dúvidas, dizer-nos: não desanimeis, luteis; com perseverança, solucionaremos quase todos os problemas de nossas vidas..

... Sempre existe uma réstia de esperança, lá distante no horizonte...

Como escreveu o Chico de Alencar: "Foz é realmente uma cidade maravilhosa..."

*Lyrio Bertoli
Presidente da Academia de
Cultura de Foz do Iguaçu*

UMA CIDADE DE MUITAS VOCAÇÕES

Foz do Iguaçu, a exemplo de outras grandes cidade brasileiras, tem a marca do crescimento desordenado e do pouco planejamento. A condição de fronteira tríplice, aliada à maior fronteira terrestre do Brasil, não acarretou, no início de sua história, nenhuma vantagem relevante. Na memória ficaram apenas alguns ciclos econômicos até que, na década de 70, ocorreu a grande mudança provocada pela construção de Itaipu Binacional que mudou a configuração da cidade. Nesta década de 90, uma nova mudança: o advento do Mercosul que, pelas características das parcerias concebidas em sua criação, fará com que Foz do Iguaçu deixe de lado a condição de canto do Brasil para tornar-se o centro do Mercado Comum do Cone Sul.

Com privilegiada localização geográfica - na linha de exportação e importação do Brasil com os demais países do Mercosul-, Foz do Iguaçu tem um futuro promissor. O novo mercado precisa de um centro com o perfil deste município, capaz de absorver o tráfego de mercadorias com maior intensidade. Porém, para alcançar esse objetivo faz-se necessário centrar esforços num planejamento harmônico entre os poderes municipais, estaduais, federais e a iniciativa privada, capaz de atrair novos parceiros que desejem investir para o futuro.

Em Foz do Iguaçu nada pode ser imediatista. O primeiro passo é

pesquisar as condições de triplicar a capacidade de recebimento de cargas através de melhorias no sistema de transporte: via terrestre, fluvial e ferroviária. Além de procurar maximizar a entrada de produtos como o trigo, a cevada e a aveia que vem da Argentina, por exemplo, há a intenção de que esses produtos sejam industrializados nesta região, gerando empregos e tributos, e aumentando a qualidade de vida na região.

Para viabilizar esse projeto, que tem muito a ver com a globalização, é necessário abrir os olhos para a modernidade e investir na criação de terminais hidroviários; no terminal intermodal do Mercosul; na extensão da ferrovia e na melhoria das estradas de acesso a Foz.

Entende-se, assim, que Foz do Iguaçu tem outras vocações - além do turismo - prontas para serem desvendadas e muito bem aproveitadas.

Harry Daijó
Prefeito de Foz do Iguaçu

FOZ DO IGUAÇU REDESCOBERTA

O que é ruim para o Brasil é bom para Foz do Iguaçu, costumam sentenciar alguns iguaçuenses. A se ter como parâmetro a aparente estabilidade da nossa economia desde a implantação do Plano Real, parece mesmo que esse velho conceito retrata fielmente as peculiares atividades econômicas da tríplice fronteira. Com a mudança, em 1995, da política cambial, o então agitado comércio exportador da cidade foi atingido mortalmente e agora, com o Real bichado, o setor deu sinais de reaquecimento, embora a euforia sofra compressões indesejáveis da retrógrada burocracia que ainda impera nos países que integram o Mercosul, como é exemplo a exigência de dois idiomas (português e espanhol) na identificação de produtos que circulam em tão combalido território econômico, além de outras imposições absolutamente dispensáveis na área fitossanitária, amplamente denunciadas e repudiadas pelos nossos incansáveis despachantes.

Mas, se, de um lado, a circulação da riqueza produzida nesses países vem sofrendo lamentáveis atravancamentos, de outro, algo verdadeiramente novo e positivo está acontecendo em Foz do Iguaçu - apesar do decadente poder aquisitivo da população brasileira: o turista começa a redescobrir a Foz do Iguaçu das Cataratas, da Hidrelétrica de Itaipu, do Marco das Três Fronteiras, do Parque das Aves, do Macuco Safari, do Boulevard, com sua gente desbravadora, que aqui fincou raízes. Na exata medida em que desaparece a cidade nômade que buscava o lucro fácil e imediato, ressurge o esplendor natural desta cidade, com seus potenciais ofertados por Deus. O mesmo Deus que, sabiamente, puniu os gananciosos infligindo-lhes cegueira total para as criações sublimes, como o pôr-do-sol, a

lua cheia, o verde múltiplo das folhas, o arco-íris em pleno céu azul e espumas flutuantes que, em meio a andorinhas traquinas, se projetam de majestosas escarpas para bailar ao vento e ao som hipnotizador de invencíveis águas.

Foz do Iguaçu agora está se vendo como Deus a fez, abrindo alas para a Natureza. A ganância, que passou dos limites da cegueira, foi derrotada - e com certeza para sempre.

O que é bom para Foz do Iguaçu Deus já sabia há muito tempo.

José Alexandre Saraiva
Membro fundador da
ACULFI

LITERATURA: AS EXPLICAÇÕES E OS TOQUES

“**L**iteratura: as explicações e os toques” não exatamente uma cópia ou uma inspiração fiel daquilo que está em *Rock do Diabo*, do Raul Seixas. O que está lá, e como está, é simplesmente um ponto de partida.

No universo literário, poético, metafórico, cada palavra tem a sua sombra. As palavras *dizem*. As palavras *sugerem*. Aquilo que as palavras dizem podemos encontrar no dicionário. Os sentidos fechados, oficializados, e canonizados estão todos lá. Estes não modificam nada, mantendo uma paisagem uniforme, estática, rotineira e tediosa. Aquilo que as palavras sugerem, encontramos apenas nos textos literários. Lá moram a imaginação, a criatividade, a sensibilidade.

Os sentidos escondidos, disfarçados, nebulosos da palavra literária devem ser encontrados nos próprios romances, contos, poemas, crônicas.

Soa estranho “procurar no dicionário o sentido das palavras desconhecidas”, sabendo que aquele sentido é único e exclusivo àquele texto, àquela realização poética. A salvação está em ler, apenas, ou melhor criar o gosto pela leitura. O mundo não está mais para nenhuma historinha individual, pessoal. As experiências individuais devem gerar divisas, cifras, altos dados estatísticos, do contrário estão fadadas ao esquecimento - passam pelo Planeta como fantasmas.

A Literatura tornou-se, finalmente, apenas mais um meio econômico, um objeto de compra e venda. Depois de séculos, descobrimos que o escritor, o poeta, o iluminado, também come e bebe. Precisa comer e beber. Muitos continuam morrendo à margem dos benefícios da modernidade. Alguns por opção pessoal, outros por teimosia, tipo “cabeça dura” outros mais, pela incapacidade de sensibilizar a crítica, as editoras, os livreiros e o próprio leitor.

As distâncias estabelecidas entre o escritor e o público nem sempre são criadas pela incompetência e inutilidade dos dois. No mundo moderno,

bruxos, magos, até gordo humorista, além de falar, também escrevem e fazem sucesso.

Literatura: alguém escreve, alguém precisa ler. O que seria de um escritor sem leitor? Por que publicar tanta porcaria? Machado de Assis teria afirmado certa vez, em sua ficção, que não há coisa pior do que um escritor ruim que se dispõe a ler sua obra. Indicaria para leituras individuais e silenciosas os contos: Aurora sem dia, O programa, As bodas de Luis Duarte, e A chinela turca.

E o que dizer da leitura feita não mais por entre sexo, droga e o velho Rock and Roll, mas por entre sexo, droga, pagode, axé e sertanejo urbano? O belo tornou-se feio, no criar, no fazer e no consumir. Que sombras têm as palavras de José Saramago, ditas a respeito de se ganhar o prêmio: ser o Nobel de Literatura é como ser Miss Universo?

O "mundo moderno" roubou-nos o direito de contarmos nossa própria história. Ninguém mais se dispõe a ouvir nossa historinha. As frestas que dão para os lados dos segredos dos iluminados, inspirados e alucinados poetas estão fechadinhas, sarandinhas. Há nulidades que se tornam celebridades num piscar de olhos. Não é assim tão fácil como parece aceitar mercenários, que recusam terminantemente uma sopa com moscas, transformados em personalidades, repartindo-se mundo afora em máximas a respeito da criação literária.

Mas, nós ainda temos os livros, perdidos no meio da TV, dos jornais, do computador, da Internet.

Quando aceitamos as explicações, podemos nos revelar respeitosos e receptivos; mas também, infelizmente e tristemente, submissos, incapazes, desprovidos, sem iniciativas, sem criatividade, sem imaginação, sem sensibilidade, sem nada.

Quando entendemos os toques, já desenhemos os primeiros passos da nossa individualidade, da nossa independência.

O problema são as celebridades e inutilidades!

Eu concluiria assim: viva a sociedade alternativa!

Ildo Carbonera
Membro fundador da ACULFI

FELIZ ANIVERSÁRIO, BAH!

Vive-se atualmente um período de crise no campo da arte da vida, provocada pela ausência do novo.

A arte e vida entrelaçam-se, interpenetram-se. Aquela é a expressão desta e ambas são fundamentadas no novo.

O fazer original surge do sonhar, meditar, pensar e repensar. Mergulha-se dentro do eu, surge o inédito. Quanto mais se é, mais se cria.

A assertiva de que "não há nada de novo debaixo do sol", e que "os eventos não se repetem", confirma também que o novo surge do velho. Transforma-se o velho, eis o novo!

Há uma carência profunda pelo singular na época atual. Repetem-se

palavras, copiam-se as coisas, repetem-se as pessoas. A vida e a arte tornam-se mediócras, sem graça e sem brilho.

Tome-se como exemplo a nossa frase-título. Você, caro leitor, deve tê-la ouvido e repetido muitas vezes e continua ouvindo-a e repetindo-a. Tornar a fazer, dizer e a ouvir as mesmas coisas empobrece a arte e enfadonha a existência; desgastam-se as coisas, desgasta-se a vida. Disse certa vez o poeta que "até as coisas mais belas do mundo, quando são repetidas várias vezes, tornam-se mediócras". Então, o que fazer? Qual é a saída? Canta-se e conta-se por aí que "ninguém é igual a ninguém". Tomando-se o exemplo da criação, deduz-se que somos uma obra de arte, olhando-se pelo prisma da peculiaridade, mesmo que encobertos pelo véu da mediocridade.

Assim, apesar do esvaziamento da criatividade, o único e o notável encontram-se interiorizados, às vezes se manifestam, em menor ou maior grau, no ser, mas só serão plenamente manifestados quando o homem caminhar para dentro de si mesmo.

Conta Eduardo Galleano em um de seus poemas narrativos que "Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus. Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas.

O mundo é isso - revelou. Um montão de gente, um mar de fogueirinhas.

Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam, mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo".

*Gerson Luís Maciel
Professor*

ESTAMOS CANSADOS...

Como podemos cumprir o Juramento de Hipócrates, se ao anônimo paciente podemos dar apenas carinho e alento para seus males? Sem medicamentos e equipamentos, apenas podemos vê-lo resignado com seus sofrimentos.

Como podemos aliviar os seus males se, para isso, nos confrontamos no dia a dia, com impossibilidades de caráter social tão profundas como deficiências físicas e financeiras de nossas instituições?

Prometemos compreender e nos esforçarmos para resolver os problemas de nossos pacientes. Mas como fazer? Apenas com nossas mãos e vontade? Como fazê-lo resignar-se com seus sofrimentos se apenas temos nós a lhes dar?

Não somos mágicos. Quisera fôssemos.

Quantas noites sonhamos em fazer o bem. Curar o sofrimento do próximo. Mas hoje nos confrontamos com coisas banais. Nossos hospitais em crise, superlotados, principalmente obsoletos e com pouca resolutividade.

Acreditamos todos sermos iguais, e não aceitamos discriminação de tratamento para aqueles sujeitos aos mandos e desmandos de nossa Administração. Infelizmente a maioria...

Somos testemunhas de nossa impotência, Juízes de nossas ações e Réus de nossa Sociedade, pois somos responsáveis por nosso juramento.

Mesmo assim, acreditamos que nosso estudo e nosso esforço não foram em vão. Por isso com toda a dignidade continuamos, todas as adversidades nos empurram para frente, instituindo, perseverando, com a esperança de que nossa vida não seja inútil.

É, estamos cansados...

Origenes Capellani
Médico

NOS CAMINHOS DO PARANÁ - NORTE PIONEIRO

O padre Henrique Utykanski, obviamente polonês, conta que, há muitos anos, encontrava sempre o bispo Karol Woitilla em Cracóvia. Agora, com o bispo feito papa em Roma e ele, feito pároco de Joaquim Távora, diz que os encontros ficaram um pouco mais difíceis.

O padre Henrique usa sandálias de couro no calor do Norte Pioneiro e recebe a nossa comitiva com alegria. Ele, como o prefeito, os vereadores lideranças comunitárias, parecem ansiosos para discutir a vida do município. No gabinete da prefeitura, servem suco de laranja gelado, enquanto detalham a questão da segurança. Aqui, nesse canto do Paraná, os municípios estão vulneráveis às quadrilhas de assaltantes paulistas, equipadas e protegidas pela área de fronteira com São Paulo. Em Joaquim Távora, cansada de ser vítima, a população uniu-se e viabilizou recursos para construir um anexo à cadeia local. As obras começam imediatamente.

Mas não é só a segurança que preocupa essa região. Os municípios investiram em infra-estrutura - escolas, energia, saneamento básico - mas estão ficando ao largo do processo de industrialização. E por dois motivos: os investimentos em telecomunicações ainda não chegaram aqui e as estradas estão em péssimas condições, já que ficaram de fora do Anel de Integração, fio condutor do desenvolvimento do nosso Estado.

“Que indústria vai se instalar aqui se não pode contar com telefone, fax ou boas estradas?” Pergunta o prefeito da Joaquim Távora com índices de primeiro mundo em saneamento básico e que mal consegue linha para falar com Londrina, logo ali. Para não perder a carona do processo de

industrialização, associações de prefeituras e de câmaras já se debruçam em projetos para fazer das estradas um anexo do Anel de Integração e para convencer as concessionárias de telefone a erguer torres de transmissão na região. A cidade que constrói cadeia unida, permanece unida na busca de soluções.

Em Wenceslau Brás, a prefeita Carolina Batistão fala e anda como um serelepe, nada lhe escapa. Volta e meia, é vista nos corredores do Palácio Iguaçu, roubando a atenção nas solenidades para os projetos que carrega debaixo do braço. Quando chego ao gabinete da prefeita, lá estão eles, os projetos que preenchem três folhas de papel almaço e que ela promete não ler. Quer só entregar para a vice-governadora. Acaba lendo quase tudo e ainda encontra tempo para falar sobre uma proposta inédita de combate à erosão com pneus velhos que está em andamento no município e chama a atenção da imprensa nacional. Quando comenta as dificuldades para manter o transporte escolar, é certa. "Como é que o ônibus vai chegar lá na Farturinha e só pegar os alunos da primeira à quarta série? E os outros? Isso é discriminação".

De novo na estrada, daí a pouco a gente encontra as ladeiras da cidade de Siqueira Campos. O movimento é grande no centro, lembrando os povoados que cresceram rapidamente no Norte do Paraná, por conta da leva de migrantes que chegavam a todo instante. Nos dias de hoje, é a cada agosto que a cidade recebe os visitantes. Vem gente de todas as partes para participar da Procissão do Bom Jesus da Cana Verde, que dizem ser o protetor dos Bóia-frias. O prefeito Dirceu Rodrigues concorda comigo que bom mesmo seria se a agroindústria ganhasse força por aqui, para que a terra desse outros frutos e gerasse empregos e divisas.

Em Quatigá, cidade que leva o nome de uma árvore imensa, que já não existe mais por aqui, o prefeito Jorge Ramalho, está preocupado com o ICMS de 17 por cento sobre o alho, produto que o povo compra no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e até na Argentina. O alho vem *in natura* e, caprichosas, as mulheres e crianças limpam, trançam e encaixotam o alho como ninguém mais no estado, o que transformou o município no maior comprador do Paraná. O imposto, mais alto do que nos outros estados, está ameaçando o emprego de 350 pessoas. Sem contar que Quatigá também fica fora do Anel de Integração, o que prejudica a industrialização. Estradas e agroindústria voltam à tona.

Santo Antônio da Platina nos recebe limpa e bonita, com um casal de sanfoneiros logo na entrada da prefeitura para saudar a comitiva. O prefeito Flávio Maiorski realiza mutirões no bairros nos finais de semana para limpar ruas, bueiros e terreno baldios. Durante a conversa, as lideranças se unem para fazer mais um apelo em favor da instalação do parque industrial, peça fundamental no plano da cidade para evitar que jovens e adultos, sem perspectivas, acabem por atravessar a fronteira em direção a São Paulo. "Estamos com muitas viúvas de maridos vivos" diz o prefeito. Homens vão em busca de trabalho e acabam não voltando.

Fim do dia, fim das visitas. Da estrada, a gente percebe luzes nos campos e alguém explica: "lá estão os dólares que vão ajudar na Balança". São colheitadeiras, trabalhando dia e noite, para colher a safra da soja. Assim é o Paraná, sempre trabalhando. Sempre querendo mais trabalho.

Emília Belinati
Vice-Governadora do Paraná

A "ISCOLA" DE CARLA PEREZ E A TELEVISÃO

Estude, para quando crescer não ser apresentadora de televisão"- Fausto Silva, o Faustão, para uma candidata-mirim, em 1998. Semanas atrás, em seu programa FANTASIA, no SBT, a hoje apresentadora de televisão Carla Perez, ao tentar ajudar uma candidata "engasgada" mentalmente para formar uma palavra que estava incompleta, ouvindo sua interlocutora pronunciar a letra i, indagou: - i de iscola?. Como isso ocorreu na televisão e o Brasil inteiro testemunhou, não faltou quem criticasse a ex-loura do É O TCHAN. Que fãs e desafetos concordem ou não, Carla Perez é um fenômeno explosivo da mídia. A grande maioria das personalidades do mundo da comunicação tem crescido e aparecido do fruto de seus próprios méritos e suor. O que dizer de um componente de uma banda (É O TCHAN) que não canta, não compõe, não toca nenhum instrumento e aparece mais que o restante do grupo? É o efeito Carla Perez. Até que a moça da Bahia não tem culpa se Sílvio Santos lhe paga um polpudo salário para ser apresentadora de televisão. O que prova que escolaridade não é cobrada nesses casos. Ela apenas levava jeito para ser dançarina. Os cabelos castanhos-claros, tingiu-os de louro, assumindo um biotipo nórdico ("os homens preferem as louras") e com seus requebros, inundou revistas, jornais e televisões, mostrando-nos a chamada "preferência nacional", que veio ao mundo virada pra lua, sua bela bunda.

Abundam nos veículos de comunicação dislates que atentam contra a nossa língua (que não é tão nossa). E para mostrar que não é somente Carla Perez que maltrata a língua de Machado de Assis, seguem aqui algumas pérolas verbais:

1) Um famoso locutor esportivo e campeão de audiência dizia: "correr atrás do prejuízo" e "estamos por conta dos descontos" quando narrava jogo de futebol. Ninguém corre atrás do prejuízo. A pessoa corre do ou por causa do prejuízo etc.

Quando o jogo terminava no tempo de 45 minutos e o juiz achava que o tempo devia ser "esticado" por mais alguns minutos, ele bradava: "agora estamos por conta dos descontos. Ora, tudo que tem desconto fica menor e não maior. O correto é dizer "agora, estamos por conta dos acréscimos".

Devidamente corrigido, esse famoso narrador esportivo não mais pronunciou sua gafe, apesar de, na Copa da França, eles e outros falarem o "time do Brasil", como se o Corinthians estivesse lá. Quem estava lá era a Seleção Brasileira (formada de jogadores de vários times).

2) Já um outro apresentador veterano, escritor de sucesso, ao entrevistar a socialite e já sexagenária Carmen Mayrink Veiga que levou para o programa um livro de sua autoria e cuja capa era seu rosto reproduzido de uma pintura de Cândido PORTINARI, feita em 1959, cometeu ele o seguinte deslize: até que ele quis brincar e fez esse trocadilho com o livro nas mãos:

“esse livro é a sua cara”. Errou. Errou no emprego do pronome demonstrativo porque quando se está de posse de um objeto, o correto é falar ESTE.

3) Quando Ayrton Senna (1960 - 1994) morreu naquela manhã fatídica de 1 de maio, a 314 km/h, na Curva Tamborello, no circuito de San Marino, na Itália, a bordo de seu Williams, chamaram-no de herói. Não confundir ídolo com herói. Senna foi ídolo. Herói é quem dá sua vida ou a põe em risco para salvar alguém, evitar um mal etc. Herói foi Zumbi que, em 1695, suicidou-se para não cair prisioneiro, na Serra da Barriga, na cidade de União dos Palmares em Alagoas. Estão confundido caroço de azeitona com carroça do Arizona.

Dá para entender porque carro de classe “mórdia” (como diria Millôr Fernandes) é sempre substantivo masculino. Exemplo: o gol, o kadette etc. O carro da elite é substantivo feminino? Ex: a Ferrari, a BMW, a Mercedes etc. Pode? O vernáculo não recebe fino trato na telinha.

É isso. A televisão é um veículo cuidadosamente oportunista, manipulável e que capta em geral as personalidades surfistas (as que estão na onda). Daí, entendermos um apresentador que há pouco tempo era espírita por causa do Engenheiro Rubens Farias Júnior, que diz incorporar o espírito do Dr. Fritz e hoje, na esteira do sucesso do padre Marcelo Rossi, se “converteu” ao catolicismo. Quem é que não se capitula ante a televisão? Na nova sede da Rede Globo, em São Paulo, inaugurada com pompa de grandes obras públicas, em 29 de janeiro último, Fernando Henrique falou: “Eu confio no Brasil. Eu confio na Rede Globo”. O mundo mágico da televisão é cheio de truques e ilusões efêmeras, de rostos e corpos descartáveis que nem precisa o mágico MISTER M desvendar (trata-se de Valentino, um profissional que dava shows em Las Vegas). Para entender o mundo televisivo, é preciso analisar o que diz o autor de novelas contratado da Globo, Silvio de Abreu, em sucintas palavras numa recente entrevista, depois de tropeçar na audiência de seus primeiros capítulos da novela Torre de Babel. Audiência essa posteriormente atingida para os padrões da Vênus Platinada: “não me exigiram qualidade. Só IBOPE”.

*Paulo Ferreira da Rocha Filho
Conselheiro do Centro de Direitos
Humanos de Foz do Iguaçu e
membro da ACULFI*

Falta Utopia - Falta Cidadão

Além de um processo de concentração de renda violento, o modelo econômico vigente no país tem gerado um outro fenômeno, tão ou mais importante que o financeiro: a generalizada e quase completa falta de perspectivas ou de objetivos que assola a alma do brasileiro. Quem teve a oportunidade de viver a efervescência cultural e ideológica dos anos 60 e 70 sente hoje uma tremenda frustração, em uma era em que o ser humano vive em função daquilo que a chamada sociedade de consumo lhe determina: que trabalhe para ganhar dinheiro e comprar os objetos que lhe darão a felicidade.

Temos então a quase totalidade da população envolvida neste processo, sendo que alguns estão nele buscando aumentar suas riquezas, enquanto a grande maioria está lutando pela sua sobrevivência; todos vivendo uma vida sem sentido, não investindo em valores interiores, aqueles que nos caracterizam como seres humanos, e não máquinas.

A utopia socialista sofreu um rude golpe com a prevalência do neoliberalismo, que avançou mundo afora atingindo principalmente os países do terceiro mundo, onde populações menos esclarecidas foram seduzidas pela possibilidade de alçar a um novo patamar de riqueza, o qual seria proporcionado pela vitória na competição patrocinada pelo mercado. Mercado que, no entanto, não explica que a vitória é de poucos, e que para isso é preciso a miséria de muitos.

As mudanças ocorridas no mundo nos últimos anos dão ao brasileiro menos informado a sensação de que o modelo econômico hegemônico que aí está acabou com outras possibilidades de convivência entre as pessoas. No entanto, em outras regiões do mundo, principalmente na Europa e Oceania, existem inúmeros países que não abrem mão de um modelo de sociedade onde o que importa é o bem-estar coletivo e não o interesse individual.

Nos países onde existem uma grande influência do socialismo (Espanha, França, Itália) ou da Social Democracia (Suécia, Alemanha, Nova Zelândia) as pessoas não abrem mão de uma qualidade de vida que passa pelo bem-estar social de todos os habitantes.

No Brasil temos hoje um quadro caracterizado por brutal concentração de renda, com conseqüente criação de milhões de excluídos (63% da população, segundo estudo da Folha de São Paulo) e uma apatia enorme por parte das pessoas. Não se fala mais em utopia em nosso país. O que temos são pessoas que esqueceram dos ideais de uma sociedade justa e igualitária, que matizaram as lutas das décadas anteriores.

O vazio interior tem provocado muito sofrimento psíquico, o qual é perfeitamente palpável ao se analisar as estatísticas que mostram uma alta prevalência de doenças de origem emocional (stress, depressão, alcoolismo, abuso de drogas etc). Ao lado disso vemos aumentar dia a dia o número de fugas às quais as pessoas estão recorrendo para aliviar seu vazio interior. Além do consumo de objetos, estamos assistindo também ao surgimento de símbolos e mitos, que fazem sucesso ao apresentar uma "nova" esperança para muitos.

As igrejas pentecostais e figuras como o Padre Marcelo Rossi atraem milhares de pessoas, pois apresentam um produto sedutor: a perspectiva da solidariedade, contida na mensagem de Jesus Cristo. No entanto, o que se prega em nome de Jesus é contraditório com o que prega o modelo

econômico. Isso gera uma trágica consequência: o conflito interior, que faz com que as pessoas sofram mais ainda, não sabendo que rumo tomar.

Faz parte da cidadania o dever de se preocupar com o interesse coletivo e buscar formas para contribuir para o seu desenvolvimento. Como podemos nos preocupar com o coletivo se vivemos em um modelo individualista e competitivo? Como posso me preocupar com o coletivo se os outros cidadãos são meus competidores? Como posso ser cristão se o Cristo me manda amar o próximo e o mercado me manda competir com o próximo para ver quem tem mais dinheiro?

Está faltando ao povo brasileiro fazer uma reflexão, uma análise crítica a respeito da vida. Para se fazer tal análise é preciso que se tenha cultura. Cultura é um produto em baixa no Brasil, principalmente a cultura que adquirimos lendo, estudando e criando nosso padrão de entendimento da vida, baseado no conhecimento adquirido.

A utopia é criada a partir da reflexão e da constatação de fatos. Sem utopia não temos por que lutar. Sem termos por que lutar, não exercitamos nossa cidadania. Ficamos perdidos, correndo atrás de apelos que não nos levam a nada, como as "novidades" do consumo. Infelizmente nosso destino é trágico. Pelo menos para as gerações atuais, que internalizaram o modelo neoliberal.

José Elias Aiex Neto

Médico Psiquiatra

*Pres. do Centro de Direitos Humanos
de Foz do Iguaçu e Membro fundador
da ACULFI*

UMA VIAGEM AO ANO 2000

O dia é 30 de dezembro do ano 1999. São 19h e a rapaziada da imprensa e mais alguns profissionais liberais e intelectuais da cidade se repetem no "novo" bar do Zuzu, uma espécie de confraria místico-etílico-literária, formada por quarentões, cinqüentões e alguns noviços pós-adolescentes. Não se fala em outra coisa a não ser no reveillon do dia seguinte. Jornalistas do mundo inteiro, dez vezes mais do que os presentes na Copa América em que o Paraguai foi campeão, se espalham pelos hotéis, hospedarias, casas de colegas e motéis das cidades da região. Muitos deles, inebriados pelo clima místico e a luxúria deste paraíso ecológico, esticam dias e noites nos bares e cabarés da fronteira. A Costa Oeste, as províncias de Misiones, na Argentina e do Alto Parná, no Paraguai, estão tomadas de turistas dos dois hemisférios para ver a entrada do ano 2000 na região mais charmosa do Planeta.

Nossa cidade e sua gente estão literalmente "malucas". As pessoas, santificadas e lisergiadas, invadem o Parque Nacional ao dia e à noite, revogando a imbecil e discriminatória medida que privilegia apenas os hóspedes do Hotel das Cataratas e mergulham na escuridão daquele santuário. Seus caminhos e trilhas são divididos por terráqueos comuns, duendes, fadas, sacis, Ets e outros entes celestiais. Os anjos, sempre alertas e zelosos, guiam pelos braços os visitantes, poupando-os dos tropeços do percurso em meio à mata.

Quando a lua cheia de amor se põe sobre as Cataratas, Tupã sorri ao lado de Tarobá e da bela Naipi, flutuando no Vale Encantado das

Borboletas.

O encantamento vence a ampolheta e o dia amanhece multi-iluminado e colorido pelo eterno arco-íris.

Quando eu tinha 22, 23 anos, meu sonho, talvez o único sonho, era chegar vivo ao reveillon do ano 2000. Depois dele pouco me importaria a vida. Eu delirava com a hipótese de, já a partir do dia 1º de janeiro daquele momento, a gente entrar de cabeça num novo tempo, num novo mundo coberto de sonhos de paz e amor, e todos nós com a mão direita levemente ao ar, dois dedos em riste falando de paz e amor. Reviver o hipie que foi Jesus Cristo e tê-lo de volta, ali juntinho a cada grupo, como ele mesmo prometeu a quem se reunisse em seus nome.

Doce juventude, ternos devaneios... O tempo é irrevogável em desmentir e desmistificar os sonhos.

Já estava com 57 anos, 32 de Foz do Iguaçu, o ano 2000 estava na esquina mais próxima e um temor me invadia a alma. A noite da passagem do ano cairá num sábado e a festa será esticada até o dia 3, uma terça-feira, quando enfrentaremos a maior de todas as ressacas do milênio. O mundo cotinuará em guerra, a humanidade mais ambiciosa ainda, os governantes mais corruptos e insensíveis. O sonho de uma nova era de paz terá terminado e só nos restará a lembrança e a presença de Cristo ao nosso lado, renovando a esperança de um tempo melhor.

Chico de Alencar
Membro da ACULFI

FRONTEIRA! BRASIL!

Quatro de Julho de 1888. Começa a epopéia daqueles que trouxeram as sementes que deram origem ao nosso Batalhão.

Encarregado de comandar a primeira comissão, o Capitão Belarmindo de Mendonça fundou a "Colônia Militar do Iguaçu", concluindo sua instalação no dia 23 de Novembro de 1889 e sua emancipação em 29 de Janeiro de 1913, advindo a fundação do município de Foz do Iguaçu.

Concluída a emancipação, terminava a missão da Colônia Militar do Iguaçu. Entretanto, o Exército continuou presente até 08 de Julho de 1915, tendo como representante a 12ª Companhia Isolada e, por várias vezes, destacamentos que aqui retornavam para a manutenção dos interesses nacionais.

Em 26 de fevereiro 1932 é criada a Companhia Isolada de Foz do Iguaçu. Vinda de Curitiba, aqui chegou em 07 de Julho de 1932. Ocupou inicialmente instalações transferidas para as atuais do Batalhão. Posteriormente, em 1939, viria a denominar-se 1ª Companhia Independente de Fronteira.

Em 23 de agosto de 1943, a Companhia Independente de Fronteira passou a denominar-se 1º Batalhão de Fronteira e, em 1980, passou a denominação atual: 34º Batalhão de Infantaria Motorizado.

Ao longo de mais de uma centena de anos de história, notamos a intensa participação do Exército em desmedidos esforços empregados no apoio à educação, à saúde e à segurança. Destacou-se no relacionamento amistoso com os países vizinhos, sendo que sua história confunde-se com a história da região que abrigou nosso Batalhão.

Comemorando seus 67 anos, continuamos com a missão daqueles que aqui chegaram e enfrentaram inúmeros obstáculos, só que agora com o acréscimo da responsabilidade de honrarmos o árduo trabalho de nossos antecessores de forma a elevar, cada vez mais alto, o nome do 34º Batalhão de Infantaria Motorizado e do nosso Exército Brasileiro.

Integrantes do Batalhão, mirem-se naqueles que com bravura, devoção, ideal e patriotismo deram início a nossa história, e sintam-se na obrigação de honrar a farda que envergam e a gloriosa Unidade em que servem.

Parabéns! 34º Batalhão de Infantaria Motorizado e a todos que fazem parte desta família.

**FRONTEIRA!
BRASIL!**

*Ten Cel Galetti
Comandante do 34º BIMtz.*

FILHA DE FOZ

Moro aqui, sim, eu nasci aqui! Meus pais, minha avó, também são daqui. Vinte e cinco, cinquenta, oitenta anos. Temos muitos conhecidos, gente daqui e gente de todo o lugar.

Trinta de maio de 1998. Nasceu uma filha, sua graça, Academia de Cultura de Foz do Iguaçu. Filha de nome nobre, com fortes ideais, pessoas unidas em busca não de um fim, mas de um meio, meio de transmitir cultura, captar cultura e processá-la. Processo este um pouco lento, mas de futuro garantido.

Cultura entendido em seu conceito abstrato do modo de vida de um índio da forma de se expressar de um analfabeto, enfim do homem objeto cultural.

O desafio: aproximar este homem dos diversos tipos de cultura da leitura, do prazer de ouvir uma boa música.

Cultura não é fantasia literária, é algo concreto que precisa acontecer a toda hora do dia. A maneira que educamos nossos filhos é um valioso apelo cultural.

Dessa forma, unindo esforços e acreditando na força e na desenvoltura desta que ainda é uma criança, a Academia de Cultura de Foz do Iguaçu terá focada as atenções em si, e, pensando na energia de sua mão, de vê-la crescer, alcançar seus ideais, realizar o que lhe foi designado, daremos a ela alimento cultural. Dona Foz do Iguaçu ficará contente e agradecida; nos recompensará dando-nos um título de habitantes de Foz do Iguaçu, Cidade com Identidade Cultural e Auto-Estima.

*Isabel Cristina Maran Salvatti Rafagnin
Membro da ACULFI*

ESELHO

Olho para o espelho
Vejo meus olhos
E neles está o encontro refletido
Ou seria meu interior?

Olho para o fundo de meus olhos
Imóveis à minha frente
E procuro o que me é desconhecido
O que pode estar escondido

Busco algo que se mostra
Inquieto, irracional
Parte do mistério
Que me acompanha

O que vejo está aquém
No princípio da escuridão
Do nada
Do sempre

O que percebo não é evidente
Está mesclado ao confuso
Ininteligível
Soberbo

Olho para o reflexo
E observo-me
No interior
Pequeno, distante.

Assim me vejo
Mas não me encontro
Talvez seja minha consciência
A expressar-se, gritando.

Seria eu mesmo?
Não sei
Não posso responder
E talvez seja melhor não poder.

Quem sabe o que procuro seja o brilho
Da vida que me preenche
Quem sabe seja apenas um vácuo
Sozinho na completitude.

Quem sabe seja a minha alma
A observar através da aparência
De seus olhos no espelho dos meus
O corpo que a aprisiona.

*José Augusto de Mattos
Acadêmico de Direito
em Curitiba e Poeta*

ADUNAÇÃO UTÓPICA

Triste alegria! Se assim... quem explicaria
Como a dor, essa emoção, promove a euforia
De quem partilha a união da nobre confraria
Que inspira a alma a cultivar sabedoria.

E propaga, na prece, cultura como em romaria
Talvez se Amenófis, Safo conhecesse,
Instigar-se-ia esta idolatria
Pois seu esplendor supera adorno ou quinquilharia
E nem lhe estima quantia... como a rara prataria.

Ah, meu Deus! Aind' agora só você concordaria
Que se preciso fosse, mesmo em vão, não hesitaria
E por mil e uma noite mais, fielmente eu rogaria
Para que se perpetuasse a poesia... face à sua maestria

Embora findos os áureos tempos em que palpitava a boemia
Sem demagogia, que privilégio seria! Compor a Academia

Khalid W. Omairi
Acadêmico de Direito -Unifoz

TERERE

Transpasa el sol ramas cordiales de los mangos.
Las manos recomienzan la humilde cerimonia
de un pueblo con su ronda fraterna y cotidiana.

Guampa, yerba, bombilla, jarra,
hierbas fresquísimas,
y ya se puebla el aire de risas y palabras.
Ellas, en inocentes bromas, tallan precisas
el perfil escogido de un comensal cualquiera
(Cercanamente lejos de tanto mundo huraño
la risa tiene a veces la forma de la huida).

Mas no es pereza, amigos, es sólo una manera
de hacer en otredades el yo de cada uno
y de cifrar en sueños un mañana distinto.

Por eso aplaudo el rito de circular despliegue
donde el yuyo y el agua recorren cuerpo y alma.

Solamente es preciso compartir la alegría
de esos modestos sorbos que refrescan la vida.

Carmen Casartelli
Poeta

DESPERTAR

Vejo luz na imensidão do meu tédio,
Tangencio o inatingível e
Palpo o etéreo amenizando
Minha dor.

Inerte, desprovido e frágil,
Tomo consciência do tudo e nada,
Sinto um gosto de sonho
Sem nunca ter dormido no
Leito da tua paz.

Meu medo abrandando diante
Do teu encanto e desencanta
Meus fantasma que, trôpegos
E impotentes, de mim se afastam.

Minha esperança escassa se
Entumece na dimensão do
Teu mundo, limitando meu
Universo ao mundo teu.

Sou paz e guerra, vida, morte,
Tudo e nada se te tenho em mim,
Vazio apenas, sem ti.

*Valter Teixeira
Membro fundador
da ACULFI*

MENINO DE RUA

Vivo por aí, perambulando pelas ruas. Sinto que minha presença não é notada em nenhum lugar e por nenhuma pessoa. Com isso, fico muito solitário em busca de consolação que muitas vezes não estão em vossos corações... Mas de que forma? Minha única e certa consolação é minha velha amiga que me acompanha nas horas mais difíceis, a droga... Andamos juntos, eu e ela para escapar pelo menos alguns minutos dessa minha vida dura, vazia e solitária.

Sei que esta minha relação com drogas não me levará a nada, mas o que posso fazer, se não tenho ao menos o que comer?

Essa é minha única saída, que por um lado corta mas, por outro, conforta meu coração.

Todo dia ouço a mesma sinfonia da esperança de se viver num mundo melhor, sem conflitos, fome e desemprego.

Pego-me sempre a pensar que, com todos esses fatores, fica difícil imaginar um mundo sem infratores, mas se tudo tem solução nós, seres humanos, não encontramos a SALVAÇÃO!

*Suellen Rafagnin Adreola
Estudante do Colégio Anglo-Americano*

FATOS MARCANTES*Nanci*

Induvidosamente, Foz do Iguaçu, esta exuberante e charmosa menina de 80 anos, está de roupa nova. Depois de tantos ciclos predatórios, em que o interesse econômico prevaleceu sobre a reflexão consciente em torno da construção de um futuro assentado em bases consistentes, já se percebe que a cidade adotou uma postura cultural como forma de manifestar sua auto-estima. Este novo e incógnito ciclo que se nos avizinha, com certeza, será menos traumático. Ele está sendo erguido em diques culturais idealizados pelos próprios filhos desta terra. E não mais por aventureiros.

Segundo a escola de Weber, não são os fatores econômicos os mais decisivos para a prosperidade de uma região. Antes, estão os ingredientes culturais.

Assim é que a Academia de Cultura de Foz do Iguaçu congratula-se com todos aqueles que contribuem para esse novo amanhecer, em especial com Nanci Rafagnin Andreola, abnegada e incansável personagem deste histórico processo. Sua decisiva atuação na produção cultural pode ser aquilatada pelo robusto relatório que ela, como titular da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, recentemente apresentou ao público, contendo as atividades desenvolvidas no período de junho a dezembro de 1998.

Aos aplausos calorosos que a presidente da Fundação Cultural recebeu na Câmara de Vereadores, de todos os partidos de Foz do Iguaçu, a ACULFI se associa envaidecida.

Não foi à toa que o consagrado maestro Waltel Branco compôs uma linda canção para esta nossa combativa dama da cultura, membro fundadora da ACULFI, artista plástica de reconhecido prestígio e, acima de tudo, ser humano de alma grande.

Esta é a letra da música "*Nanci*", de autoria do nosso internacional Waltel:

"Ouça

Esta canção que eu fiz/ Pensando em ti/ Foi pra você, Nanci/

Os pássaros/ Nos seus passos pousam/ Pra cantar/ Voando com você.

Da arte que vive/ Da doçura que é/ A vida é mais bela, não é?/ Da arte que vive/ Da doçura que é/ A vida é uma linda mulher."

A ACULFI foi alvo de inesquecível homenagem no dia 6 de março último.

Homenagem

O Hotel Rafain Centro confeccionou uma linda placa comemorativa à criação da Academia, afixando-a em destacada posição de seu tradicional espaço cultural, localizado no hall de entrada.

O Presidente da Academia Paranaense de Letras, historiador Túlio Vargas, prestigiando a iniciativa, fez o descerramento da placa, em concorrida solenidade.

A marcante homenagem contém estes dizeres:

"A Academia de Cultura de Foz do Iguaçu nasceu no Hotel Rafain Centro, no dia 30 de maio de 1998. A primeira diretoria eleita, na reunião presidida por JOSÉ ALEXANDRE SARAIVA, assim foi composta:

Diretoria Executiva

LYRIO BERTOLI - Presidente

A.H.G. CUNHA - Secretário Geral

ROSANI SCHNEIDER - Diretora Cultural

VALTER TEIXEIRA - Orador

EDIL DUARTE - Diretora de Comunicação Social

JOSÉ ELIAS ALEXNETO - Tesoureiro e Diretor de Patrimônio

CLARA CRUZ - Representante da Argentina

VICTOR MANUEL BRITZ - Representante do Paraguai

Conselho Fiscal

IVETTE SOUZA SECUNDINO

JOSÉ ALEXANDRE SARAIVA

NANCY FAGNIN ANDREOLA

NATHALIE GRANZOTTO

TEREZINHA C. DE OLIVEIRA

VENTURINO SAVARIS

Esta placa comemorativa foi descerrada no dia 06.03.99 pelo escritor e historiador TÚLIO VARGAS, Presidente da Academia Paranaense de Letras, que, na ocasião, representou ainda o Centro de Letras do Paraná e a Academia de Letras José de Alencar. Prestigiaram a solenidade autoridades locais e convidados."

LOUVOR AO PANTANAL MATOGROSSENSE

(Porto Índio, Cáceres-MT, 16 de Fevereiro de 1999)

Local de rara beleza

Daqui não saio

Esplendor da Natureza

Conquistaste novo amigo

Humano e passional

Me encontrava em conflito

Deslumbrante Pantanal

Em teus braços tive abrigo

O cheiro doce do teu verde

Toda a vida dos teus bichos

Quero amigo agradecer-te

Muito de ti levo comigo

Desse muito que me deste

Nada me pediste em troca

Mesmo assim eu te confesso

Um pouco de mim deixo contigo

Rodrigo Zanchet

Advogado

Membro da ACULFI

VOCÊ

Você é o sol
Que me ilumina
E enfeita o amanhecer.

É a esperança
Que não morre
E que me faz viver.

É a luz dos meus olhos
Eterno bem-querer.

Se o amor não existisse
Eu nem queria nascer.

*José Paulo da Cruz - 13 anos, músico,
estudante do Colégio Estadual
Almirante Tamandaré.*

